

Bresser teme que crise nos EUA

gere recessão

BRASÍLIA — A elevação brusca da taxa de juros internacional e o desencadeamento de uma recessão mundial a partir da economia americana são os dois principais temores do Ministro da Fazenda, Bresser Pereira — como consequência da queda histórica da Bolsa de Nova York —, no momento em que o Brasil vive a etapa decisiva da renegociação da dívida externa.

O Ministro afirmou ontem que a queda histórica da Bolsa de Nova York torna ainda mais urgente uma negociação soberana da dívida externa, com mecanismos de proteção contra variações das taxas de juros.

— A taxa de juros vai continuar subindo. Isto mostra que uma negociação soberana da dívida externa, que defenda nossos interesses é fundamental. Também é fundamental que tenhamos um teto para a taxa de juros. Ou seja, se a taxa de juros sobe acima de um certo nível deste teto, então capitalizam-se os juros para frente — disse Bresser.

Na avaliação da equipe do Ministério da Fazenda, a crise das bolsas de valores em todo o mundo reflete uma perda de confiança no dólar, provocada por uma expectativa de



Bresser agora quer negociar logo

inflação que agora tornou-se concreta. Na prática, os investidores optaram por maior segurança, aplicando em títulos do Governo, em vez de investir em ações. Nessa interpretação, o risco de uma recessão fica reforçado. Se essas expectativas se confirmarem, a única forma de o Brasil tirar algum partido da crise

seria através da manutenção do preço do petróleo. De acordo com a análise do Ministro da Fazenda, a questão fundamental é saber se essa crise levará a economia americana a uma recessão. Se isso acontecer, segundo ele, será duplamente ruim para o Brasil. Primeiro, a redução das exportações implicará a queda de receita cambial e em seguida, a elevação da taxa de juros irá onerar ainda mais o serviço da dívida.

— Fundamental, para nós, é que, com a crise, fica claro o acerto da estratégia de negociação da dívida externa brasileira — disse o Ministro. — Isso só confirma a nossa posição de manter a moratória e só sair dela se obtivermos um acordo de longo prazo que atenda condições como a proteção contra a elevação dos juros.

O risco de uma recessão internacional é uma das preocupações do Ministro. Ele disse que é necessário, também, na negociação com os credores, o estabelecimento de um instrumento de proteção da dívida de longo prazo, sobretudo para prevenir a economia contra a recessão. Bresser lembrou que os problemas da

economia americanas são estruturais. São consequência do aumento da taxa de juros nos Estados Unidos para atrair fluxos constantes de investimentos alemães e japoneses, como forma de financiar o elevado déficit comercial do País.

“Mas essa elevação da taxa de juros, disse o Ministro, desestimulou o mercado de ações e, por isso, o Banco Central deles reduziu, ontem, a taxa de desconto”.

O Ministro acha, no entanto, que há um certo exagero nas comparações com a crise de 1929, quando a Bolsa americana caiu 12.8% (a queda de segunda-feira foi de 22.6%), porque atualmente existem mecanismos institucionais e os bancos centrais que defendem o sistema de violentas oscilações. Mesmo reconhecendo que essas dificuldades afetam toda a economia capitalista, ele não aposta numa reação direta e imediata no mercado acionário brasileiro.

— Pode ser que haja algum reflexo, mas a bolsa brasileira no Brasil, é pequena — enfatizou o Ministro. Ele considerou importante destacar que não existe uma relação tão direta entre a recessão nos Estados Unidos e a recessão no Brasil.